

# LIBERDADE EM DIMENSÃO PLANETÁRIA

PEDRO A. RIBEIRO DE OLIVEIRA

Juiz de Fora, MG, Brasil

Nesta coletânea sobre o tema da liberdade não poderia faltar uma abordagem que inclua a Terra como planeta vivo. Embora pareça estranho aplicar a ideia de liberdade também à Terra, se refletirmos um pouco veremos que ela tem fundamento e, mais que isso, é muito atual. Por isso este texto convida o leitor ou leitora a pensar as implicações da liberdade para o único planeta que – diferentemente de Vênus, Marte, Júpiter ou Saturno – mostra ter vida.

Astronautas que viram a Terra desde o espaço exterior falam da experiência extraordinária que é perceber nosso planeta como um todo onde a combinação dos elementos – continentes, oceanos, nuvens, atmosfera – forma um conjunto de grande harmonia. Vista do espaço, a Terra revela muitas diferenças dentro de um todo sem divisão. Há áreas recobertas por neve e gelo, outras com florestas e plantações, e outras áridas. A única divisão nítida é entre a parte iluminada pelo sol e a parte noturna com os pontos claros dos espaços urbanos, mas essa divisão é transitória pois a noite sempre dá lugar ao dia e vice-versa. As tempestades que alteram o formato das nuvens, e as descargas elétricas que fazem cintilar a atmosfera, reforçam a impressão de um planeta em constante agitação ([www.planetarycollective.com/overview](http://www.planetarycollective.com/overview)). De fato, essa realidade percebida pelos e pelas astronautas é confirmada por estudos científicos que concebem a Terra como um enorme e complexo sistema de vida.

Diante dessa perspectiva de um sistema de vida de dimensão planetária, torna-se evidente que as divisões introduzidas pelas sociedades humanas não passam de artifícios ideológicos para justificarem as dominações: de um povo sobre outro, de uma raça sobre outra, de homens sobre mulheres, enfim, da espécie humana sobre outras espécies vivas. Essa concepção *antropocêntrica* coloca o ser humano (*antropos*, em grego) no centro do mundo, acima de todas as criaturas, e assim relega todos os outros seres vivos à condição de “coisas” cuja existência só adquire valor na medida em que são úteis aos humanos. O *antropocentrismo* é a base do *especismo*: ideologia que infunde o preconceito da espécie humana contra as espécies que ela domina, para justificar essa dominação [O *especismo* faz o mesmo que o *sexismo* e o *racismo*: recobrir a dominação de um

gênero, uma raça ou uma espécie sobre outra alegando que as *diferenças* são sinal de *inferioridade*. Foi preciso que mulheres, negros e povos colonizados levantassem sua voz de protesto para derrubarem essas ideologias da dominação. No caso do *especismo* a dificuldade de superação é maior, porque as outras espécies não podem protestar]. Essa dominação de espécies definidas como “inferiores” é semelhante à escravidão, pois escravo é a pessoa que, ao ter negada a liberdade, torna-se propriedade de outra. Hoje repudiamos a escravidão por constituir violação de um Direito Humano, mas não percebemos que ao nos apropriarmos de outros seres vivos violamos os Direitos Animais. É como se eles, por não terem consciência de seus direitos, não pudessem ter liberdade e merecessem ser tratados como mera propriedade dos humanos.

Essa concepção antropocêntrica ganhou força nos últimos quatro séculos, quando o moderno sistema de mercado impôs sua lógica de tudo tratar como se fosse mercadoria – mero objeto de compra e venda. Hoje estamos de tal modo imersos nessa forma de pensar e de viver, que necessitamos uma verdadeira revolução intelectual e espiritual para dela nos libertarmos. Só então descobriremos o lugar e a função que nos cabe nesse planeta enquanto seres dotados de liberdade.

Superar o pensamento antropocêntrico que se associa à lógica do mercado é um dos grandes desafios do nosso século, porque se eles persistirem por mais duas ou três gerações a vida na Terra – pelo menos com a diversidade que hoje existe – estará sob grave risco de extinção. Precisamos nos convencer – e convencer às gerações que virão! – que não podemos continuar a tratar todas as outras espécies como bens a serem usados à vontade, mas sim como parceiras na grande rede de vida que torna nosso planeta tão belo e tão diferente dos demais. Isso significa abandonar a atitude arrogante do antropocentrismo e entender que somos uma parte da Terra e que temos um papel muito importante a desempenhar para que ela continue a evoluir, diversificar-se e tornar-se cada dia mais bela até o momento em que, como todo ser vivo, morrerá.

Marco importante nessa virada de pensamento é a *Carta da Terra* ([cartadaterra.org/ctoriginal.htm](http://cartadaterra.org/ctoriginal.htm)) aprovada pela UNESCO em 2000. Em seu preâmbulo ela afir-

ma: “Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro”. A tecnociência já avançou a tal ponto que hoje a humanidade pode optar entre “formar uma aliança global para cuidar da Terra e uns dos outros, ou arriscar a nossa destruição e a da diversidade da vida”. Afirma também que a decisão não é técnica, mas política. Por isso, deve ser pautada por princípios éticos, sendo o primeiro deles “respeitar e cuidar da comunidade de vida”.

A expressão *comunidade de vida*, usada para designar a enorme e complexa rede de seres vivos do Planeta, coloca em questão a relação entre a espécie humana e as demais, pois não há *comunidade* entre senhor e escravos. Ao tratar as outras espécies como coisas às quais é negada a liberdade, nossa espécie coloca-se na posição de dona do mundo, como um monarca solitário a dominar os súditos com mão de ferro.

A *Carta da Terra* faz uma verdadeira revolução no pensamento ao falar de solidariedade entre seres humanos e não-humanos, pois só há solidariedade entre quem partilha a mesma identidade respeitando as diferenças. Com efeito, é isso que diz a Carta em seu preâmbulo: “O espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vivemos com reverência o mistério da existência, com gratidão pelo presente da vida, e com humildade considerando o lugar que ocupa o ser humano na natureza”. E explicita que isso significa “cuidar da *comunidade da vida* com compreensão, compaixão e amor”. Ou seja, os seres humanos e não-humanos partilham uma identidade profunda que é a base da solidariedade: somos todos filhos da Terra e portanto, parentes. Estamos então aptos a formar a grande e bela *comunidade de vida* que torna único nosso planeta.

Leonardo Boff vai ainda mais longe ao afirmar que “somos fundamentalmente Terra, que em seu evoluir chega ao momento de sentir, de pensar, de amar e de venerar. Não vivemos apenas sobre a Terra. Somos filhos e filhas da Terra. Melhor, somos a própria Terra, que sente, pensa, ama e venera”. Expressa-se nessa afirmação tanto a identidade profunda que une nossa espécie a todas as demais – sermos “filhos e filhas da Terra”, sermos todas formas individualizadas da mesma Terra – quanto o que nos distingue dentre todas as espécies vivas: “sentir, pensar, amar e venerar”. É a partir desse paradigma de pensamento proposto por nosso teólogo que se deve colocar o tema da liberdade

em dimensão planetária.

Entender a Terra como ser capaz de usar a liberdade não significa pensar que ela pode deixar sua órbita em torno do sol e sair vagando pelo espaço sideral, embora isso seja real: sondas espaciais – pedacinhos minúsculos da Terra – já ultrapassaram os mais distantes planetas e estão na última fronteira do sistema solar. Entender a Terra como ser livre é pensá-la capaz de decidir sobre seu futuro, e isso se dá por meio da espécie que ela gerou na maturidade: a espécie humana. Com efeito, os seres humanos temos a capacidade de influir decisivamente nas feições futuras de nosso planeta. Se acionarmos os artefatos nucleares que fabricamos para nos matarmos uns aos outros extinguiremos muito mais espécies do que a queda do asteroide que há 65 milhões de anos destruiu o mundo dos dinossauros. Se mantivermos por mais um século o sistema econômico produtivista e consumista regido pelo mercado, chegaremos quase ao mesmo resultado, só que de modo gradual. Se, ao contrário, usarmos a liberdade em favor da Terra e de nós mesmos, a tecnociência poderá tornar-se muito útil para reparar danos já feitos e estabelecer novas formas de convivência harmoniosa na *comunidade de vida*. Para isso é preciso ampliar o campo de vigência da liberdade bem além dos limites da espécie humana.

Entender que a liberdade nos é atribuída não para dominar a Terra, e sim para escolhermos os caminhos mais adequados ao pleno desenvolvimento da *comunidade de vida* da Terra, é a primeira condição para o exercício da liberdade em dimensão planetária. Por sermos dotados de razão, sentimentos, capacidade de comunicação e senso ético, e por termos construído a tecnociência que nos empodera para agir com eficácia sobre a natureza, estamos aptos a decidir livremente o que queremos enquanto Terra. Tal como o povo hebreu há mais de três mil anos, a Terra é colocada diante da grande opção: “Vê que eu hoje te proponho a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e teus descendentes” (Dt 30,15.19).

Em nosso tempo, essa opção ganhou dimensão planetária: pouco adianta optar pela vida e a felicidade em escala familiar, de um povo e mesmo da humanidade, pois é em escala planetária que o jogo da vida está sendo jogado. Somos inteligentes bastante para entendermos isso. Sejamos também suficientemente sábios para, em nome da Terra, fazermos a opção pela vida e pela felicidade.